

# O conceito de diálogo na obra de Paulo Freire

Zélia Inez Lazaro Rodrigues

Como citar: RODRIGUES, Zélia Inez Lazaro. **O conceito de diálogo na obra de Paulo Freire**. In : MIGUEL, José Carlos (org.). **Educação de jovens e adultos: Teoria, Práticas e Políticas**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022. p. 177-192. DOI: <https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-310-6.p177-192>



# O Conceito de Diálogo na Obra de Paulo Freire

*Zélia Inez Lazaro Rodrigues*<sup>38</sup>

## Introdução

O pensamento filosófico e pedagógico presente nas obras do educador Paulo Freire (1921-1997), constitui-se em contribuições que transcendem marcos temporais, mantêm sua contemporaneidade e relevância, fato que se confirma frente às comemorações do centenário do educador brasileiro aliados às condições políticas e educacionais do presente momento histórico no Brasil. Suas obras convidam à reflexão e elaboram conceitos relativos ao desenvolvimento de uma educação democrática e libertadora, pautada em princípios como humildade, empatia, amor, esperança, diálogo, criticidade, autonomia.

O presente capítulo surgiu das minhas indagações como educadora de Educação Infantil com tais obras, inicialmente no curso de Pedagogia e posteriormente por meio dos textos e referenciais teóricos, bem como das reflexões realizadas na disciplina Abordagens Metodológicas da Educação de Jovens e Adultos do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Marília/SP.

---

<sup>38</sup> Mestranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Marília. Professora /Assistente Técnica de Área de EMEI junto à Secretaria Municipal da Educação, Marília/SP.

E-mail. zeliailr@gmail.com.

<https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-310-6.p177-192>

De modo complementar, em participações nas atividades desenvolvidas no Grupo de Pesquisa Processos de Leitura e Escrita: Apropriação e Objetivação (PROLEAO) sendo possível notar recorrentes estudos acerca da importância da linguagem nos atos educativos relacionados a conceitos basilares como o conceito de diálogo e tema que, além de pertinentes, coadunaram com as questões estudadas no Curso de Mestrado da linha de pesquisa “Teoria e Práticas Pedagógicas” com os estudos da citada disciplina.

Nesse contexto se delineou desde então, o seguinte problema para o desenvolvimento desse estudo: como se apresenta o conceito de diálogo nas obras de Paulo Freire?

Nessa direção como objetivo geral do capítulo pretende-se refletir acerca do conceito de diálogo na obra de Paulo Freire, e de modo específico, considerando o diálogo enquanto umas das principais categorias da educação libertadora, analisar como tal conceito pode contribuir para a organização do trabalho dos professores da Educação de Jovens e Adultos na contemporaneidade.

A hipótese é de que mediante o estudo reflexivo do conceito de diálogo e sua correlação com outros conceitos estruturantes na obra de Paulo Freire, os educadores tenham a oportunidade de pensar sobre sua ação docente e pedagógica, como também desenvolver junto a seus alunos a escuta atenta e sensível, de modo a efetivar uma prática educacional dialógica, democrática e libertadora.

O procedimento metodológico constituiu-se em pesquisa bibliográfica em fontes primárias e secundárias que trouxessem contribuições significativas para a compreensão do problema levantado.

Dessa forma serão exploradas as concepções sobre os conceitos anteriormente citados, atendendo a análise do conceito de diálogo nas obras do considerado “pai da educação” e serão propostas algumas reflexões, a começar dessa perspectiva, no campo da educação.

## 1 Fundamentação Teórica

No presente estudo, em uma perspectiva emancipatória da realidade mediatizada pela educação, concebe-se o conceito de diálogo como elemento basilar na teoria de Paulo Freire, permeando aspectos teórico-metodológicos e históricos na elaboração do currículo e do desenvolvimento de práticas pedagógicas.

Analisa-se por meio da obra *Pedagogia do Oprimido* (1987), o diálogo como [...] encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu (FREIRE, 1987, p. 30). Reitera-se que a “[...] conquista implícita no diálogo é a do mundo pelos sujeitos dialógicos, não a de um pelo outro. Conquista do mundo para a libertação dos homens” (FREIRE, 1987, p. 51).

Reflete-se por meio da obra *Pedagogia da autonomia* (2002), acerca das exigências da prática docente e sua intrínseca relação com o diálogo, na figura do professor como “[...] sujeito que se abre ao mundo e aos outros, inaugura com seu gesto a relação dialógica [...]” (FREIRE, 2002, p. 70). Complementa-se com a percepção de como seres humanos somos “programados, mas para aprender” e, portanto, para ensinar, para conhecer, para intervir, [...] entender a prática educativa como um exercício constante em favor da produção e do desenvolvimento da autonomia de educadores e educandos” (FREIRE, 2002, p. 74).

Salienta-se a reflexão acerca das questões ligadas ao currículo oculto e a importância do diálogo como possibilidade de desvelar valores e ideologias presentes no contexto escolar, concorda-se com Giroux (1986), que questiona a ideia de pensarmos a escola como território politicamente neutro ou desconectado da sociedade como um todo.

Nesse sentido, segundo Apple (2006) critica-se a pretensa ingenuidade apregoada pelas escolas em relação ao currículo oculto,

demonstrando que o ensino de normas e expectativas sociais e econômicas aos alunos, a padronização dos ambientes educacionais são provas do quanto a classe dominante interfere nos currículos e relações de ensino e aprendizagem.

Desse modo, entende-se que “o diálogo libertador é uma comunicação democrática, que invalida a dominação e reduz a obscuridade, ao afirmar a liberdade dos participantes de refazer sua cultura” (Freire; Shor, 2008, p. 123).

## 2 Metodologia

Realizou-se o presente estudo por meio de pesquisa bibliográfica em fontes primárias e secundárias.

Em relação às obras selecionou-se as que mais se aproximavam do tema: *Pedagogia do Oprimido* (1987), *Pedagogia da Autonomia* (2002), *Ação Cultural para a Liberdade* (1981).

No que se refere aos artigos, buscou-se no banco de dados Scielo, a partir das palavras-chave, “diálogo”, “Paulo Freire”, sendo localizados 31 artigos. O critério de escolha se consistiu em textos que tratassem do conceito de diálogo especificamente nas obras de Paulo Freire.

Desse modo, selecionou-se para leitura exploratória os seguintes textos: Brauer; Freire, (2021), “Paulo Freire e Edgar Morin: a complementaridade de um diálogo possível”; Andrade; Silva; Alcântara (2019), “Comunicação que constitui e transforma os sujeitos: agir comunicativo em Jürgen Habermas, ação dialógica em Paulo Freire e os estudos organizacionais”; Pena; Nunes; Kramer (2018), Scorsolini-Comin (2014), “Formação humana, visão de mundo, diálogo e educação: a atualidade de Paulo Freire e Martin Buber” ; Pitano; Noal (2009), “Horizontes de diálogo em Educação Ambiental: contribuições

de Milton Santos, Jean-Jacques Rousseau e Paulo Freire”, por trazerem referência ao conceito de diálogo para Paulo Freire.

A posteriori, se concluiu que os artigos supracitados referenciavam aproximações do conceito de diálogo em Paulo Freire, relacionados a outros autores, fato que não se coadunava com a delimitação temática e problematização do presente estudo.

### **3 Resultados e Discussões**

O conceito de Diálogo é aspecto fundante nas obras de Paulo Freire ao pensarmos em uma educação humanizadora, que possibilite a formação de sujeitos ativos que se apropriem e objetivem os elementos histórico-culturais do mundo dos homens, e que a partir de então, possam continuar se desenvolvendo em suas máximas possibilidades, não somente através da educação institucional, como também, ao longo de suas vidas iluminados pelos ideais, democrático e libertário.

Relativo ao “Diálogo”, eis que surge a primeira conceituação, *comunicação*, ato humano que se constitui em trocas, essencialmente verbais, e que se estende para outras linguagens inclusive a tecnológica tão frequente em tempos atuais, para a qual busca-se proposições e reflexões. Dessa forma, para Freire, o mundo humano é de comunicação, “comunicar é comunicar-se em torno do significado significante” e a “comunicação é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo” (OLIVEIRA, 2017, p. 230)

A comunicação por via do diálogo pensada inicialmente como parte da educação, em seu caráter social, mais abrangente, pois, “[...] a educação, qualquer que seja o nível em que se dê, se fará tão mais verdadeira quanto mais estimule o desenvolvimento desta necessidade radical dos seres humanos, a de sua expressividade” (FREIRE, 1981, p. 20);

A posteriori, pensa-se o Diálogo em seu caráter gnosiológico, que tem como ponto de referência, o ser humano como sujeito ativo do seu conhecimento, definida por Paulo Freire como “situação gnosiológica”, que inclui o conhecimento prévio pelas aspirações, dos níveis de percepção, da visão de mundo dos educandos e essencialmente como a interação entre docentes e discentes, pois não

[...] há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro". Isso significa que: a. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (FREIRE, 2002, p. 25).

O professor aberto ao diálogo compreende o duplo protagonismo entre professor e aluno necessário ao processo educativo, considerando e respeitando os saberes prévios de seus alunos e realizando intervenções desenvolventes por meio destes, valorizando o saber popular, como também propiciando momentos a fim de que possam acessar os elementos da cultura elaborada, das formas finais do conhecimento histórico-cultural acumulado no meio em que vivem.

Desse modo, Freire (1987) traz diferentes dimensões do diálogo contidas no pensamento educacional, principalmente a obra *Pedagogia do Oprimido*, na qual dedica todo um capítulo para analisá-lo. Trata-se do encontro com a palavra, mas, “[...] ao encontrarmos a palavra, na análise do diálogo, como algo mais que um meio para que ele se faça, se nos impõe buscar, também, seus elementos constitutivos (FREIRE, 1987, p. 44)”. Considerando a preocupação evidente do autor com a transformação da sociedade e a busca pela libertação das pessoas, explicita-se a seguir, tais elementos constitutivos.

Em primeiro lugar, o amor, mais que um elemento constitutivo, é destacado por Freire como fundamento do diálogo sendo necessário

um profundo amor aos homens para que o diálogo se efetive, pois, “[...] não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a infunda” (FREIRE, 1987, p. 79).

Em segundo lugar, a fé nos homens, que na visão filosófica freireana, se institui à priori ao diálogo, não sendo ingênua, mas vista como um desafio ao qual precisa-se responder.

O homem dialógico, que é crítico, sabe que, se o poder de fazer, de criar, de transformar, é um poder dos homens, sabe também que podem eles, em situação concreta, alienados, ter este poder prejudicado (FREIRE, 1987, p. 81).

Em terceiro lugar, a humildade, pois “[...] a autossuficiência é incompatível com o diálogo. Os homens que não têm humildade ou a perdem, não podem aproximar-se do povo” (FREIRE, 1987, p. 82) e, portanto, para haver diálogo é necessário estar em comunhão com os outros homens.

Desse modo, Freire (1987), demonstra que ao fundar-se no amor, na humildade e na fé que o diálogo gera confiança, que implica

[...] no testemunho que um sujeito dá aos outros de suas reais e concretas intenções. Não pode existir, se a palavra, descaracterizada, não coincide com os atos. Dizer uma coisa e fazer outra, não levando a palavra a sério, não pode ser estímulo à confiança (FREIRE, 1987, p. 82).

Ao finalizar, o autor se refere ao pensar crítico. Necessário para que aconteça a verdadeira educação, porque garante a comunicação em um processo que desvele a solidariedade como princípio do mundo dos homens,



[...] não há o diálogo verdadeiro se não há nos seus sujeitos um pensar verdadeiro. Pensar crítico. Pensar que, não aceitando a dicotomia mundo-homens, reconhece entre eles uma inquebrantável solidariedade. Este é um pensar que percebe a realidade como processo, que a capta em constante devenir e não como algo estático (FREIRE, 1987, p. 118).

Nesse íterim, destaca-se a educação problematizadora enquanto forma de libertação da relação opressor e oprimido, a liderança revolucionária e a revolução relacionada ao diálogo, pois a

[...] matriz do diálogo é formada por um conjunto de princípios que traduzem a relação de objetividade-subjetividade, cuja mediação é feita pelos contextos de vida e saberes praticados dos sujeitos. [...] Essa matriz, com traços e atos objetivo-subjetivos, institui as dimensões utópica, relacional e dinâmica da educação problematizadora (SANTIAGO; NETO, 2016, p. 130).

Nesse contexto, Freire (2001) já reverbera que os seres não nascem feitos, prontos, acabados, mas vão, aos poucos, se constituindo na prática social da qual fazem parte, tanto dentro das escolas, na vida profissional, quanto na social. Cada elemento constituinte supracitado é que possibilita o desenvolvimento de uma educação emancipatória calcada no diálogo. Assim Freire (1987) reafirma sua crítica à educação bancária, a qual coloca como antidialógica e totalmente distante para aqueles educadores que assumem uma crença na prática educativa, democrática e libertadora.

Eis que se desvela a força da educação emancipatória na educação problematizadora se opondo a concepção bancária que nega “a dialogicidade como essência da educação e se faz antidialógica.” (FREIRE, 2005, p. 39).

Na perspectiva, de uma educação problematizadora os conteúdos e as abordagens são dinâmicas, com possibilidades por parte de todos, da construção de uma personalidade democrática, que Freire citado por Beisiegel (2010) coloca como elemento central para a existência do diálogo.

Por conseguinte, com apoio na obra *Pedagogia da Autonomia* (2002), pode-se refletir sobre as exigências da prática docente: rigor metódico, pesquisa, respeito aos saberes dos educandos, criticidade, ética e estética, corporificação de palavras pelo exemplo, reflexão crítica sobre a prática, reconhecimento e assunção da identidade cultural, conscientização do inacabamento, respeito à autonomia do ser educando, bom senso, humildade, tolerância, convicção de que mudar é possível, curiosidade e competência profissional.

Tais exigências trazem aspectos essenciais dos conceitos freirianos para a educação, tendo o diálogo como mote, pois é necessário pensar certo e com rigor metódico tendo sempre uma teoria que embasa o planejamento, porque ele vivifica na prática, quando à luz dessa teoria, os professores estabelecem com os alunos um diálogo, em um ato de proferir a palavra verdadeira, palavra viva que se faz mundo pelo trabalho, pela práxis, direito de todos e que jamais pode ser privilégio de poucos.

O professor precisa ser um pesquisador de seus fazeres e saberes desenvolvendo a consciência crítica, sobre a prática educativa, sem a qual a teoria pode se tornar apenas discurso e a prática uma reprodução alienada. Tais questionamentos devem ser guiados pela ética, que valoriza a vida e a humanização e pela estética, o que significa trazer a cultura, as artes, diferentes linguagens para as salas de aula da Educação de Jovens e Adultos, enquanto direito de toda humanidade conhecer e viver o belo, a cultura historicamente acumulada.

Para tanto, tem-se que pensar nas relações entre os pares, relações entre professores e alunos com bom senso, humildade e tolerância. Sabe-se que, como seres humanos o sujeito deve ter consciência de que são inacabados, e esta consciência é que os instiga a pesquisar, perceber criticamente e modificar o que está condicionado, mas não determinado, passando então a serem pessoas e não apenas objetos da nossa história, conforme explicitado em Freire (2002):

A construção de relações dialógicas sob os fundamentos da ética universal dos seres humanos, enquanto prática específica humana implica a conscientização dos seres humanos, para que possam de fato inserir-se no processo histórico como sujeitos fazedores de sua própria história (FREIRE, 2002, p. 10).

Destaca-se, entretanto, a importância da escuta ativa em práticas dialógicas, de forma intencional, volitiva e com amorosidade, pois “[...] o primeiro sinal de que o sujeito que fala sabe escutar é a demonstração de sua capacidade de controlar não só a necessidade de dizer a sua palavra, que é um direito, mas também o gosto pessoal, profundamente respeitável, de expressá-la.” (FREIRE, 2002, p. 44)

Diante de tais reflexões, acentua-se a premissa de que o diálogo se inicia na escolha do conteúdo programático, trazendo considerações acerca das referências bibliográficas estudadas, uma vez que

[...] não podemos, a não ser ingenuamente, esperar resultados positivos de um programa, seja educativo num sentido mais técnico ou de ação política, se, desrespeitando a particular visão do mundo que tenha ou esteja tendo o povo, se constitui numa espécie de “invasão cultural”, ainda que feita com a melhor das intenções. Mas “invasão cultural” sempre (FREIRE, 1987, p. 86).

Haja vista a importância de que escola e educadores que atuam na Educação de Jovens e Adultos assumam seu compromisso e responsabilidade de construção de espaços democráticos e interativos, essencialmente dialógicos, concordando com Couto (2015), ao considerar a compreensão da palavra enquanto [...] um direito inerente a todo ser humano de participar da circulação de ideias e discursos. (COUTO, 2015). Na expressão de Freire (1987), a palavra é

[...] diálogo existencial. Expressa e elabora o mundo, em comunicação e colaboração. O diálogo autêntico – reconhecimento do outro e reconhecimento de si, no outro – é decisão e compromisso de colaborar na construção do mundo comum. Não há consciências vazias; por isto os homens não se humanizam, se não humanizando o mundo (FREIRE, 1987, p. 15).

Desse modo, somente nesse processo de humanização, vivenciando juntamente com os alunos um diálogo autêntico, fazendo circular a palavra viva, é que se pode intervir no mundo, com criticidade para que neste a “mediação das consciências coexistam em liberdade” (FREIRE, 1987), já que como diz Freire, não

[...] posso ser professor a favor simplesmente do homem ou da humanidade, frase de uma vaguidade demasiado contrastante com a concretude da prática educativa. Sou professor a favor da decência contra o despudor, a favor da liberdade contra o autoritarismo, da autoridade contra a licenciosidade, da democracia contra a ditadura de direita ou de esquerda. Sou professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais (FREIRE, 2002, p. 53).

O diálogo ganha ainda mais significação quando se trata do currículo oculto, constituído por aspectos do ambiente escolar, que mesmo não fazendo parte do currículo oficial, contribuem de forma implícita para a formação dos sujeitos. Tais movimentos que acontecem no interior das salas de Educação de Jovens e Adultos agregam os valores culturais e sociais muitas vezes de forma subliminar que evocam atenção especial dos educadores, dado que:

A ação política junto aos oprimidos tem de ser, no fundo, “ação cultural” para a liberdade, por isto mesmo, ação com eles. A sua dependência emocional, fruto da situação concreta de dominação em que se acham e que gera também a sua visão inautêntica do mundo, não pode ser aproveitada a não ser pelo opressor. Este é que se serve desta dependência para criar mais dependência (FREIRE, 1981, p. 5).

Em vista disso, para compreender o conceito de currículo oculto, torna-se relevante a contribuição de Giroux (1986), para quem “[...] valores e crenças do senso comum que guiam e estruturam a prática escolar não são universais a priori, mas construções sociais baseadas em pressuposições normativas políticas” (Giroux, 1986, p. 70). Portanto, as escolas não podem ser consideradas espaços neutros o que se coaduna com as concepções de Freire (1992) que considera a educação e as práticas pedagógicas que delas advém como um ato político e intencional.

De forma complementar, Apple (2006) defende a ideia da “existência do teor político e ideológico reproduzido na esfera escolar” (APPLE, 2006, p. 75), relaciona o currículo oculto a uma ética que se baseia em valores da classe dominante, que propõe parâmetros para o ensino que deve ser assumidos por todas as classes sociais que a compõem.

Portanto, defende-se que considerar o diálogo, em uma perspectiva crítico-libertadora, é romper com a interpretação de que somente as classes sociais privilegiadas e os especialistas em educação possuem competência e direito de decidir sobre o Currículo, uma vez que julgam conhecer as necessidades e interesses da sociedade, sem levar em conta o currículo real, tampouco os elementos do currículo oculto.

A formação da consciência crítica proposta por Paulo Freire poderá mudar as relações educativas em um processo coletivo de transformação da educação mediante a seleção dos conhecimentos que compõem a programação curricular, utilização de processos de pesquisa da realidade dos educandos e da comunidade, engendrando temas geradores que contêm situações a serem superadas pelos sujeitos, com o apoio em conhecimentos historicamente acumulados de forma colaborativa e democrática. O diálogo, a participação autêntica e a esperança são conceitos fundamentais dessa proposta de uma pedagogia crítico-libertadora que integra os temas da vida cotidiana, as culturas e o currículo, que partem de práxis concretas e possibilitam vislumbrar e gerar novas práxis. Como vislumbra o autor em questão, “[...] ai de nós educadores, se deixarmos de sonhar sonhos possíveis” (FREIRE, 1982, p. 93).

Eis o compromisso e o desafio, o delineamento de uma prática educacional dialógica e democrática que pressupõe o direito do educando de dizer a palavra e do educador o dever de escutá-lo, que estabeleça ações concretas que permitam a participação do outro em todos os momentos do processo educativo.

### **Considerações Finais**

Ao analisar a prática docente na atualidade com as ideias presentes na obra de Freire, evidencia-se a contemporaneidade de suas

contribuições, referentes à importância dos elementos, conceitos e princípios fundantes relativos ao diálogo.

Demonstra-se, nessa vertente, que os educadores, ao entrar em contato com as ideias e pensamentos de Freire, têm a oportunidade de refletir acerca de sua ação docente e pedagógica, como também desenvolver junto a seus alunos a escuta atenta e sensível, interagindo com eles para que possam estreitar seus laços no intuito de favorecer grandemente a aprendizagem e desenvolver a autonomia.

Mesmo sendo esta uma ação complexa, que exige pensar com criticidade, considerando os aspectos culturais e históricos, iluminando-os pela ética e de um compromisso político e social, esta intervenção desenvolvente torna-se possível frente às características de uma educação emancipatória e libertadora conforme apontam as contribuições teóricas de Paulo Freire.

Assim, acredita-se que o educador, quando compreende as nuances da relação entre opressor e oprimido, se reconhece na força dos *silenciamentos* presentes em nossa sociedade de classes, se reconhece no opressor que clama em cada um, e de forma consciente e crítica, em uma verdadeira interlocução, se permite dar voz aos educandos,

Iluminados pelas premissas de Paulo Freire, frente à uma educação popular com tantos desafios hoje vivenciados, principalmente na modalidade da Educação de Jovens e Adultos, conclui-se que o diálogo é a força motriz e aglutinadora para possibilitar esse avanço tão necessário, de modo a promover uma educação humanizadora, criando espaços educativos orientados por uma relação dialógica permanente.

## Referências

APPLE, Michael Whitman. **Ideologia e currículo**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BEISIEGEL, Celso de Rui. **Paulo Freire**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massangana, 2010.

COUTO, Maria Aparecida. **Ver, falar, ouvir, ler e escrever** [recurso eletrônico]. Orientação: Eliana Marques Zanata, Bauru: UNESP, 2015, 91 p.: il. Color.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. Educação: o sonho possível. In BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O educador: vida e morte**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1982.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Política e educação: ensaios**. São Paulo, Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008. 224 p.

GALLI, Ernesto Ferreira; BRAGA, Fabiana Marini. O diálogo em Paulo Freire: concepções e avanços para transformação social. **Questio - Revista de Estudos em Educação**, [S. l.], v. 19, n. 1, 2017.

GIROUX, Henry. **Teoria crítica e resistência em educação: para além das teorias de reprodução**. Petrópolis: Vozes, 1986.



OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. A dialogicidade na educação de Paulo Freire e na prática do ensino de filosofia com crianças. **Movimento-Revista de Educação**, Niterói, ano 4, n.7, p. 228-253, jul./dez. 2017.